

ABENÇOADA MÃO QUE ABENÇOA: MEMÓRIA E RELIGIOSIDADE DE BENZEDEIRAS

Lidiane Alves da Cunha - Ms. em Sociologia
Departamento de Ciências Sociais e Política – UERN

Resumo

Esta pesquisa parte do saber construído por mulheres que lidam cotidianamente com a arte de rezar e benzer. A construção desse saber leva em conta as experiências e vivências ao longo de suas vidas até a presente maturidade. Assim, buscamos reconstruir a partir da memória social, os saberes apreendidos cotidianamente formando o que Anthony Giddens chama de guardiões, presentes na condição de duas mulheres: uma benzedeira católica e uma mestra juremeira. Sabendo que na memória familiar estão contidas a memória social e do grupo (Eclea Bosi), buscamos também analisar os instantes de transferência desses saberes tradicionais, considerando que esse aprendizado está intimamente ligado aos fazeres cotidianos a partir dos quais é construída a autoridade destas. Assim, exercitando a metodologia de “escutadores infinitos”, esperamos compreender a partir da memória destas mulheres como as mesmas construíram esse saber a partir da vivência de sua religiosidade.

Palavras-chaves: memória, benzedadeiras, saberes, religiosidade.

Diante de uma multiplicidade de significações simbólicas presentes na cultura popular, destacam-se no universo feminino, figuras que são frutos da hibridação cultural brasileira: as rezadeiras, as benzedadeiras e as curandeiras. Mesmo que possam ser diferentes, todas partilham da figura arquetípica da mãe e do dom de cuidar. Donas de um conhecimento simbólico, mítico e mágico, elas habitam e participam uma socialidade, simultaneamente, real e imaginária. Isso se afirma na medida em que são procuradas pelos membros de sua comunidade para prestarem seus serviços, apesar do eclipse existente sobre seus conhecimentos

Por meio da palavra ou por meio da memória destas guardiãs, esses saberes foram adquiridos, transmitidos e reconstruídos. Isto porque, a transformação do dom em palavra e, por sua vez, em cura, não muito diferente de outras práticas como cordel e repente, materializam-se a partir do momento em que são pronunciados. Assim, o instante “é o verbo que se faz na boca do poeta; é a palavra que se pronuncia a si mesma para se fazer comunicante por meio de quem fala e ouve. É tão surpreendente que o próprio poeta, geralmente, se encanta com o que ele mesmo diz improvisadamente. A alegria de ser surpreendido pela própria palavra que é falada (SIQUEIRA: 2010). O objetivo é alcançarmos essa fonte de saber que, uma vez pronunciado, passa a depender da memória do entorno para existir, mas que desprezados pelos dados oficiais vem se extinguindo em nosso tempo, ao passo que enriquecem a fonte que nunca seca: a memória.

Essa pesquisa investe esforços práticos e cognitivos na peleja da eficiência destes saberes em contraposição aos serviços públicos básicos de saúde, já que a sobrevivência destas e a procura por seus serviços também apontam a ineficácia do acesso a serviços ou meramente a desconfiança deste sistema impessoal que é a medicina tradicional. Por tudo isso, é que buscamos realizar não somente um trabalho sobre memória nem sobre rezar, cuidar e curar, mas sim sobre as memórias de mulheres que, como guardiãs desse saber, narram a história social do grupo a que pertencem, muito embora saibamos que nos dias de hoje, vêm decrescer a procura por esse saber, já que, tragicamente o homem está perdendo o diálogo com os demais e o reconhecimento do mundo que o rodeia, quando é nele que se dá o encontro, a possibilidade, gesto mais supremo desse ser chamado homem (SABATO: 1995).

Queremos desvendar a essência existente por trás da palavra, pois mais do que o significado literal, as palavras têm o poder de simplesmente encantar, sem a necessidade de possuir uma função definida. O indizível, aqui, é mais valorizado que uma frase que informa sem emocionar. As palavras, nas memórias reinventadas (BARROS: 2008), voam livres sem obedecer a regras que, por fim, podem assassinar seu encanto.

As perturbações/enfermidades/problemas que exigem o trabalho destas mulheres não constam do rol da Medicina científica. As benzedadeiras alegam que existem “doenças de médicos” e “doenças de benzedadeiras”. Essas doenças das quais se ocupam são mais do que conjuntos de sintomas e de sinais físicos. Elas se caracterizam por possuírem uma

série de significados simbólicos – psicológicos, sociais e morais – para os membros de grupos sociais específicos. As doenças curadas pelas benzedeiras se configuram como perturbações que atingem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam a vida cotidiana como um todo (SANTOS: 2007). Elas explicam seus serviços em termos culturais mais amplos, mais familiares, envolvendo os aspectos social, psicológico e espiritual da vida de seus pacientes - enquanto os médicos concentram-se principalmente na doença física e nos patógenos ou nos comportamentos que supostamente causam as doenças (AMORIM: 2000). A palavra, é portanto, o meio através do qual realizam o dom, transformando-o em cura e transmitindo aos seus ouvintes.

Ao discutir os efeitos de práticas mágicas em diversas culturas, Claude Lévi-Strauss debruça-se sobre a eficácia destas práticas. Aponta, entretanto, que a eficácia da magia implica em aspectos interdependentes e complementares: a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; a crença do enfermo (ou vítima) no poder do feiticeiro e a confiança e as exigências do grupo social. No caso da benzedeira, esta aprende o ofício e acredita nos benzimentos como meio de cura (ASSUNÇÃO: 2006). Seus cuidados transmitidos em palavras envolvem e requerem atenção e toque, além de remédios e banhos à base de plantas. O enfermo que a procura acredita que ela tem o “dom” de curar, pois o recebeu de Deus. A opinião coletiva reforça a crença no poder de cura das benzedeiras, pois a prática da benzeção faz parte das tradições culturais do grupo e tem eficácia simbólica para seus membros, pois como lembra Halbwachs (1990), fazem parte da memória coletiva destes indivíduos porque estão em suas consciências coletivas.

Este trabalho diferencia-se dos demais trabalhos existentes justamente por partir da palavra destas guardiãs como ofício, guardada na memória. Nas poucas pesquisas existentes sobre essas práticas, quase sempre reforçam-se os depoimentos dos adeptos (que mesmo compartilhando da visão dessas mulheres sobre essas enfermidades/perturbações e práticas de cura, não são em si os detentores desse saber) ou mesmo a oposição a tais práticas (GOFFMAN: 1975). Mesmo quando admitidas como donas do ofício, suas falas são sempre transmitidas a partir da interpretação do pesquisador e servem muito mais para corroborar hipóteses e argumentos do que ouvi-las como detentoras desse saber. Daí a necessidade de fazermos, no dizer de Geertz

(2002), uma pergunta básica: “de quem é a vida afinal?”, atentando para o fato de estarmos ali e não sermos o detentor deste saber, por mais familiar que nos seja.

Enquanto prática aparentemente em desuso, a memória seria o lócus privilegiado desse saber transmitido. Em alguns trabalhos, estas sequer são identificadas por seus nomes próprios, denunciando o preconceito inerente a algumas áreas de conhecimento sobre essas práticas. Nesse sentido, a originalidade de trabalhar a memória e a autobiografia destas mulheres atribui o caráter de minimizarmos as interpretações de observadores de um dom que por si só é a palavra proferida, que cura e acalenta. Buscamos a resiliência presente nas palavras destas mulheres, em que, como lembra Boris Cyrulnik (2009), “no fim da frase, já não somos como éramos antes”.

Neste sentido, é preciso compreender como a palavra falada por mulheres com o ofício de rezar, benzer e curar podem acessar outros níveis de realidade, de entendimento e atingir a dimensão do “milagre” na vida cotidiana. Assim,

É na condição de resistência que a benzeção deve ser vista. Não como um resquício de formas antiquadas de curar, algo já superado pela ciência moderna. Mas como um ato de resistência política e cultural feito como alguma coisa própria, através de uma cultura que contesta e rejeita a linguagem da opressão, da dominação e da exploração entre os homens. Deve ser vista como uma singela contribuição para um novo projeto de mundo. Contribuição vinda de um grupo de pessoas que está ao lado dos oprimidos, identificando-se com a sua luta e com os seus sofrimentos. E mais do que isso, dando a eles uma explicação e um sentido próprio. Contribuição vinda de um grupo de pessoas que ainda não passou pelo processo de desumanização que acompanha o enriquecimento de bens materiais numa sociedade hostil como é a nossa. (Oliveira: 1985)

Compreender como essas mulheres tornaram-se guardiãs desses saberes mágicos, míticos, orais, tradicionais numa sociedade caracterizada pela técnica, pela informação e pelo conhecimento tecnológico é sem dúvida um grande desafio, assim como observar o poder da palavra que é saber, é dom e é memória a partir do ofício das quais são guardiãs;

É preciso reconstruir a aquisição das palavra-saber através da memória oral, haja visto que além da fé e da confiança à elas destinadas, as orações constituem-se a partir da palavra, conforme podemos ver em algumas orações proferidas no ato do benzimento pelas benzedadeiras:

Benzer de quebrante

Todas às vezes em que for benzer alguém iniciar com as orações do Pai Nosso e Ave Maria.

À Nossa Mãe Maria Santíssima e a Nossa Mãe Maria Virgem pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Deus te fez, Deus te criou, Deus te batizou, Deus te crismou e Deus te consagrou.

Deus te salve cruz bendita, lá no céu ta escrita (3x).

Deus te salve casa santa lá no céu foi escrita (3x).

Deus e a Jesus que cure seus filhos e suas filhas (nome da pessoa)

Quero que Deus dá o poder de curar o mal ruim que está em (nome da pessoa)

Ar da noite, ar do dia, ar das estrelas, ar da lua, ar do sol, ar do dia, ar do tempo, ar das águas, ares preto, ares branco, ares amarelo. Benzo (nome da pessoa) de quebrante, mal olhado e vento virado.

Com dois eu lhe pus, com três eu lhe tiro, quando Deus pai, Deus Filho, Deus espírito Santo. Amém.

Nossa Senhora saiu para o mundo curando três mal, curando de feitiço, malefício, inveja, inveja e olho ruim.

Com dois eu lhe pus, com três eu lhe tiro, com Deus Pai, Deus Filho, para sempre e Amém. Jesus.

(Nome da pessoa) Em redor de _____ tem três conquista: São Pedro, São Paulo, São João Batista que defende do veneno, do feitiço, malefício, inveja, inveja e olho ruim. Com Deus eu lhe pus, com três eu lhe tiro, com Deus Pai, Deus Filho para sempre e Amém Jesus.(3x). (AMORIM: 2000).

Observa-se que a benção é feita sempre com três galhos de guiné, alecrim ou ramo verde, havendo também a indicação de banhos, chás e a utilização de outros tipos de cura dependendo do mal atribuído, como por exemplo, espinhela caída (arca caída), quando as benzedadeiras usam fitas para constatar e posteriormente executam gestos característicos para por o tal “ossinho” no lugar. Os chás e banhos de ervas medicinais também são, muitas vezes, receitados. As ervas podem ser benzidas, o que torna sua eficácia ainda maior. Um emplasto com sumo folhas com sal é tiro e queda para destroncado; também pode-se tomar o sumo da erva que age como antiinflamatório. O chá de rosa branca é ótimo para o útero e doenças relacionadas a essa parte do corpo da mulher. O chá de erva-doce é recomendado para espinhela caída e age, também, como calmante.

A origem de muitas rezas pode ser puramente religiosa, ou fruto de um hibridismo de religiões, ou mesmo de um misto entre conhecimento popular com práticas religiosas. Em geral, as rezadeiras se dizem católicas, mas muitas recebem influência de crenças espíritas, como as das religiões afro-brasileiras e dos rituais indígenas. A cultura das rezadeiras, como é conhecida no Brasil, não se trata apenas de uma tradição nacional, claro.

A reza, a oração, o ato de impor as mãos (providas ou não de objetos sagrados como crucifixos, livros sagrados, ervas, entre uma imensa variedade de coisas) é comum em muitas culturas ocidentais e orientais. Hajam vista alguns rituais budistas, hindus; e mesmo entre evangélicos a cultura das orações por meio da imposição das mãos não deixou de existir. Embora a maioria deles - ex-católicos - reprovem a prática das rezas.

Nesta primeira parte de nossa pesquisa, buscamos compreender este universo partindo destas constatações, e com a continuidade, partimos para colher as memórias autobiografadas deste ofício que demonstra-se mais complexo do que costumamos observar.

Afirmamos assim, conforme a antropóloga Elda Rizzo, que as benzedadeiras executam os saberes da cultura popular já não acessíveis a qualquer um, posto que cada vez mais distanciamos-nos dos saberes tradicionais. Assim, podemos defini-las como “Cientista popular e médica popular popular que possui uma maneira muito peculiar de *curar*: combina os poderes místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular.” (OLIVEIRA: 1985).

Não se trata aqui de trabalharmos através de amostragem, mas de usarmos a história de vida como um método através do qual reconstruímos a trajetória dessas mulheres, analisando a construção de saberes dos quais são guardiãs. Por isso, Eclea Bosi será a grande base do referencial metodológico, posto que é através de seu trabalho “Lembranças de Velhos” que mergulharemos na busca de técnicas que subvertem a relação sujeito e objeto. Enquanto pesquisador, ao trabalhar a memória dessas narradoras, sou sujeito quando procuro saber e sou objeto quando me coloco como meio para transmitir suas memórias, que só se expressam quando contadas. Passamos a fazer parte de uma condição diferente do início da pesquisa, porque ao entrarmos nas memórias destas mulheres, partilhamos do que esta autora chama de “comunidade de destino”, em que inevitavelmente somos levados a “sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados” (p. 38, 1995).

Buscamos o método de Edgar Morin, na certeza de suas palavras quando afirma: “A minha pesquisa de Método parte, não da terra firme, mas do solo que desmorona” (1998). Assim, a pesquisa, com abordagem qualitativa, incluiu a além da história oral e de vida como também a observação participante em rituais de cura e entrevistas com benzedeiras e membros da comunidade. Lembramos que a matéria de nossa pesquisa é essencialmente a fala, a autobiografia de nossas narradoras e suas observações que pela própria condição de guardiãs são tão penetrantes que não poderíamos suplantar em precisão numérica aquilo que buscamos em profundidade. O método apontado não procura uma amostragem, mas sim o corte temporal e a singularidade de seus ofícios. Não são importantes somente em si, mas sobretudo pelo que elas tem em comum: mulheres idosas que dedicaram a vida na construção desse ofício e no serviço à vida em comunidade.

Para tanto, partiremos do ato primordial da pesquisa em memória: o escutar. O ideal, como nos diz Bosi, seria exercermos o dom de “escutadores infinitos” como ferramenta principal de pesquisa. Em cada visita em Mossoró, Areia Branca e Assu, em suas casas (lugares onde sempre recebem suas dezenas de afilhados, comadres, cumpadres, filhos de santos ou simplesmente vizinhos procurando suas palavras mágicas e o universo encantado do saber ancestral), executamos o que Roberto Cardoso de Oliveira (1998)

chama de ofício de Antropólogo, mas que deve ser estendido a todo pesquisador em Ciências Humanas: olhar, ouvir e escrever.

Para que ferramentas de aparente simplicidade (BENJAMIM:1986), sejam suficientemente eficazes é preciso a leitura e domínio de textos que abordam essa discussão. Mas uma vez, pelo desafio da pesquisa interdisciplinar, não nos restringimos a referências correlatas à determinadas linhas de raciocínio, mas procuramos adotar leituras que treinassem nosso olhar para, diante de tão sábias narradoras, darmos conta da tarefa de colhermos suas memórias, tarefa que por si exige conhecimento e sensibilidade.

Assim, não procuramos esgotar a bibliografia sobre o tema posto que envolvem múltiplos olhares, mas pensamos em referências que considerassem o que o alerta que Clarissa Estes nos faz em “Mulheres que correm com Lobos”: “uma bibliografia não deveria ser uma lista enfadonha. Ela não tem a intenção de ensinar a uma pessoa como pensar, mas procura fornecer a cada uma temas interessantes em que pensar, tentando mostrar-lhe o maior número possível de ideias, portanto de opções e oportunidades. Uma boa bibliografia aspira a oferecer imagens panorâmicas do passado e do presente que sugere visões claras para o futuro”.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Cleides. **Medicina popular**: técnica ou crença. Comissão Maranhense de Folclore, São Luís: Boletim 18, p. 6-7, Dezembro, 2000.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ASSUNÇÃO, Luís. **O reino dos mestres**: a tradição da Jurema na Umbanda Nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a terceira infância. São Paulo: Planeta Brasil, 2008.

BENJAMIN, W. (1936) O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas I**, 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1986, pp. 197-221.

BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo, (org). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo, Ática, 1987, cap.2, p. 16-41.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 4. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

_____. **Tempo vivo da memória.** São Paulo, Ateliê, 2003.

CALVINO, Ítalo. **Os Nossos Antepassados.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CYRULNIK, Boris. **Histórias de resiliência: o retorno à vida.** In Autobiografia de um espantalho. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **O Murmúrio dos fantasmas.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

ESTES, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **A ciranda das Mulheres sábias.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GEERTZ, C. Estar aqui: de quem é a vida afinal? In: **Obras e vidas: o antropólogo como autor.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1975.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

LÈVI-STRAUSS, C. O feiticeiro e sua magia. In: **Antropologia estrutural.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **O método, vol.2. A vida da vida.** Rio Grande do Sul: Sulina, 1998.

_____. **O método, vol.4. As idéias: habitat, vida, costumes, organização.** Rio Grande do Sul: Sulina, 2003.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção.** São Paulo: Brasiliense; 1985.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In **O trabalho do antropólogo.** São Paulo: UNESP, 1998, p. 17-35.

SABATO, Ernesto. **A resistência.** São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, F. V. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta/RN.** [dissertação]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2007.

SIQUEIRA, Ailton. **Sabedorias do Instante: algumas considerações sobre o repente e a literatura de cordel.** In *Ciência humana & potiguar / Anderson Christopher dos Santos, Anaxsuell Fernando da Silva (orgs.). – 1.ed. – Natal : Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, 2010, p. 51-63.*

WEIL, S. (1943a) O enraizamento. Em **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Antologia organizada por Ecléa Bosi. 2.ed.ver. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996, pp. 411-412.